

O MITO DA CAVERNA, NA LITERATURA INFANTIL, ATRAVÉS DE “O PEIXE PIXOTE”.

Vargas, Vera (UNIOESTE)¹

RESUMO: A obra da literatura infantil brasileira *O Peixe Pixote*, da escritora Sonia Marta Junqueira, oferece um texto aberto a múltiplas leituras, questionamentos e reflexões, uma vez que vem carregado por uma forte ideologia que muito se aproxima a uma antiga história da filosofia. O peixe Pixote, que vivia triste e amedrontado por morar num lago escuro e feio, um dia dá-se conta de que a escuridão só acontecia porque ele sempre havia nadado de olhos fechados. Percebe, então, que o mundo alegre que observava fora do lago, em seus passeis à margem do lago, sempre existiu e suas próprias limitações é que o impediam de enxergá-lo. Assim, este trabalho se propõe a analisá-la, fazendo um comparativo da mesma com o mito da Caverna, de Platão, e também com a obra de José Saramago, *A Caverna*, uma vez que as histórias descrevem uma situação de limitação e impossibilidade de compreensão da verdade. Também, se realizará a verificação da importância da literatura infantil e a existência de um discurso que reforça ideologias através da linguagem metafórica utilizada por ela, considerando que é seu papel desenvolver nas crianças um espírito analítico e crítico. Para a consecução desta análise, o trabalho fundamenta-se nas considerações teóricas de Regina Zilberman (1984), Fanny Abramovich (1994) e Platão.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, infância, ideologia .

RESUMEN: La ejecución de la literatura infantil brasileña *O peixe Pixote*, de la escritora Sonia Marta Junqueira, ofrece un texto abierto a las lecturas, los cuestionamientos y las reflexiones múltiples, una vez que viene cargado por una ideología fuerte que mucho se parece con una vieja historia de la filosofía. O peixe Pixote, que vivía muy triste y con miedo por vivir en un lago oscuro y feo, un día si dio cuenta de ése que sucedió el apagón solamente porque había nadado siempre de ojos cerrados. Percibe, después, que el mundo alegre que observó en el exterior del lago, cuando pasea al borde del lago, existió siempre y sus limitaciones le obstaculizaron a percibir. Así, este trabajo pretende analizarlo, haciendo un grado comparativo de el mismo con el mito de la Caverna, de Platão, y también con la obra de José Saramago, *A Caverna*, ya que las historias describen una situación de la limitación y la imposibilidad de la comprensión de la verdad. También, uno se hará la verificación de la importancia de la literatura infantil y la existencia de un discurso que consolida ideologías con la lenguaje metafórica utilizada por ella, considerando que es su papel desarrollar en los niños un espíritu analítico y crítico. Para el logro de este análisis, el trabajo se basa en los consideraciones teóricos de Regina Zilberman (1984), de Fanny Abramovich (1994) y de Platão.

PALABRAS-CLAVE: literatura, puerícia, ideologia .

¹ Acadêmica do 1º ano de Letras-Espanhol, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Marechal Cândido Rondon.

O presente artigo faz uma análise da obra de Sonia Junqueira *O Peixe Pixote*, verificando sua relação ideológica ou proximidade metafórica com o mito da Caverna, escrito pelo filósofo Platão.

O mito da caverna é considerado uma das metáforas mais significativas da filosofia em qualquer tempo, narrada no livro VII do *República*, e descreve uma situação geral em que supostamente todos os seres humanos se encontram, uma vez que para o filósofo Platão, todos nós estamos condenados a apenas ver sombras à nossa frente e a tomá-las como verdadeiras. Assim, como no mito, podemos dizer que estamos presos a cavernas e apenas observamos as sombras que nos chegam de fora, projetadas em suas paredes. Não ousamos, deste modo, sair da caverna para verificar o que realmente representam tais figuras; apenas tomamos aquilo que vemos como certo e verdadeiro, iludindo-nos ao acreditar que nada existe além delas.

[...]Uma alegoria nos mostrará agora a situação dos homens em face da verdadeira luz. Suponhamo-los cativos, acorrentados num local subterrâneo com o rosto voltado para a parede oposta à entrada e impossibilitados de ver algo além desta parede. Iluminam-na os reflexos de um fogo que arde fora, sobre uma elevação, em cuja metade passa um caminho bordejado por um pequeno muro. Atrás deste muro desfilam pessoas carregando sobre os ombros objetos heteróclitos, estatuetas de homens, animais, etc. Destes objetos, os cativos enxergam apenas a sombra projetada pelo fogo sobre o fundo da caverna; do mesmo modo, ouvem apenas o eco das palavras que os portadores trocam entre si. (PLATÃO, 1973, p.35).

Podemos perceber os ecos do mito da Caverna na literatura infantil brasileira através da história *O Peixe Pixote*, de Sonia Junqueira. A obra *O Peixe Pixote* narra a história de um peixe que vivia infeliz porque o lago em que morava era escuro e feio. Assim, o pobre peixe nadava com muito medo daquela escuridão toda e deliciava-se ao contemplar, na beira do lago, os raros momentos em que via a superfície terrestre. Para ele, aquele era o lugar perfeito, cheio de cores e vida. Mas, precisava mergulhar novamente já que dependia disso para sua sobrevivência. “E a vida de Pixote era assim. Da água para a margem, da margem para a água. Sempre sozinho, cheio de medo, infeliz da vida.” (JUNQUEIRA, 1990, p.13).

Um dia, ao retornar ao fundo do lago, é surpreendido ao perceber que não está sozinho: há um mundo cheio de peixes e cores destacadas por uma claridade deslumbrante. Por um momento, entretanto, pensa que aquele é um

outro lugar, mesmo deixando-se envolver por tantas cores e brilhos, pelos tons que a claridade provocava no azul refletido na água.

Um dia, Pixote estava nadando e olhando os outros peixes. Eles brincavam, contentes nas águas claras do lago. De repente, Pixote pensou:

– Ué! Outros peixes? Águas claras? O que aconteceu? Será que vim parar em outro lago sem saber? Perguntava Pixote. E olhava para todo lado e via um monte de coisas novas.

Via pedras de todos os tamanhos, de todas as cores. E plantas aquáticas, sapos e rãs. Até sapatos velhos e brinquedos de crianças tinha lá. E era tudo tão lindo! A água meio azulada, cheia de claros e escuros, cheia de brilhos. Uma beleza, mesmo! (JUNQUEIRA, 1990, p.15).

Desta forma, Pixote consegue sair da caverna que o aprisionava naquela escuridão que era o mundo que conhecia, mas não conseguia explicar a transformação ocorrida. Onde estaria o mundo escuro e assustador que o amedrontara por tanto tempo? Foi então que sua percepção se tornou mais clara. Conseguiu compreender que a escuridão só existia devido à sua própria atitude.

Pixote olhava e ria. Cadê a escuridão? Cadê o medo? Pixote estava era contente, feliz da vida. De repente Pixote descobriu o que havia acontecido. E começou a rir.

– Eu sou mesmo um pateta, ficava nadando pra lá e prá cá, morrendo de medo do escuro... Lógico! Eu só nadava de olhos fechados. (JUNQUEIRA, 1990, p.22).

Uma outra obra, *A Caverna*, do autor português José Saramago, apresenta semelhante situação ao mostrar as prisões vividas por seu personagem Cipriano Algor. Cipriano é viúvo recente e artesão de sua pequena olaria que se localiza próxima de uma grande cidade. Sente a opressão da produção em massa que a industrialização promoveu.

Na obra de Saramago, há a representação de duas “cavernas”: uma, o meio urbano, cujo foco é o chamado “Centro” que é o sinônimo do ápice capitalista, sendo para esse complexo comercial que Cipriano vende suas mercadorias; a outra, simbolizada pelo meio rural, chamado na narrativa de “cinturão verde”, em que está o meio familiar, focado nos fornos da olaria. Cipriano desloca-se semanalmente de sua olaria - herdada do pai e do avô, seu mundo aconchegante em que sua missão é fazer com que seus dedos obedeçam às idéias conduzidas por sua imaginação, no fabrico de louças e utensílios - para vender suas peças no chamado “centro”. Um dia, porém, recebe a notícia de um

sub-chefe do “Centro” de que suas mercadorias foram substituídas por utensílios de plástico. A partir deste momento, Algor passa a fabricar bonecos de barro na tentativa de não ser engolido pela tecnologia vigente no mundo capitalista, passando a viver um conflito interno e com seu genro, que trabalha no Centro, aguarda uma promoção para então mudar-se com sua esposa para a cidade, quer levar Cipriano para morar com eles. Assim, o velho oleiro vive uma dor profunda e luta para não precisar deixar seu mundo de barro.

Então, numa outra alegoria à Caverna, de Platão, o personagem que já é levado a sair de sua zona de conforto e passar a ver outras possibilidades de sobrevivência, teme a mudança para o meio urbano, que para ele seria sinônimo de sua decadência, passando a dar, figurativamente, com a cabeça nas paredes de seu cárcere interior. Assim, Cipriano liberta-se de sua “caverna”, muda-se para a cidade e, posteriormente, liberta-se para uma vida mais prazerosa.

A olaria acaba sendo fechada e ele muda-se para a cidade, num movimento de sair de si e buscar alternativas para não fazer dela mais uma caverna de limitações e sofrimento. No entanto, ao deparar-se com seis corpos humanos soterrados numa gruta nas proximidades de sua nova casa, toma a decisão de não ficar o resto dos dias atado a um banco de pedra e a olhar para uma parede e, tal como o peixe Pixote, abre seus olhos para o que realmente importava naquele momento, numa compreensão de que os mortos que encontrara, na verdade, são as pessoas quando enterram os sonhos, aquilo que move seus interesses. Parte, então, para uma viagem sem destino na companhia de Isaura – sua nova esposa - da filha e do genro, num libertar-se de amarras, buscando a transcendência, já que seus experimentos de vida lhe ditavam isso.

[...] Como em todas as coisas da vida é uma questão de tempo e de paciência, uma palavra aqui, outra palavra acolá, um subentendido, uma troca de olhares, um súbito silêncio, pequenas gretas dispersas que se vão abrindo no muro, a arte do devassador está em saber aproximá-las, em eliminar as arestas que as separam, chegará sempre um momento em que nos perguntaremos se o sonho, a ambição, a esperança secreta dos segredos não serão, afinal, a possibilidade, ainda que vaga, ainda que longínqua, de deixarem de o ser. (SARAMAGO, 2000, p. 321).

Assim como o mito da caverna, narrado por Platão, a história de Pixote e também A Caverna, de José Saramago, exemplificam o quão enganosas podem ser as nossas crenças. Saramago cita que o mau não é ter ilusão, o mau é iludir-se, fazendo-nos refletir sobre a diferença que há entre crenças e fatos, já que

muitas vezes aquilo em que acreditamos não corresponde ao que de fato ocorre; e assim, a realidade que criamos passa a nos aprisionar e a impedir que compreendamos o que de fato ocorre do lado de fora da caverna. Dessa forma, nossos pensamentos nos encarceram e acabamos por não encontrar formas ou não querer buscar o alargamento de nossos juízos. Então, julgamos os fatos não de acordo como eles sucederam, mas com um olhar impregnado de crenças que nos alimentam e nos cegam.

Habitados desde a infância a contemplar estas imagens vãs, a escutar estes sons confusos cuja origem ignoram, vivem em um mundo de fantasmas que tomam por realidades. Porque se um deles, liberto de suas cadeias, for arrastado para a luz, sentir-se-á de início ofuscado e nada distinguirá do que o circunda. Por instinto, dirigirá o olhar para as sombras que não lhe feriam os olhos do novo mundo para onde o transportaram. Mas, quando seus olhos se acostumarem à obediência luminosa, poderá perceber estes objetos refletidos nas águas e depois fitá-los diretamente. (PLATÃO, 1973, p.35).

A explicação para a alegoria é apresentada pelo próprio filósofo:

[...]Não é difícil discernir a significação desta alegoria. Os homens são neste mundo escravos de seus sentidos: na obscuridade do mundo da matéria, em perpétuo devir, não aprendem senão as sombras ou vagos reflexos. Porém, os modelos destas sombras, a fonte luminosa destes reflexos, permanecem a tal ponto desconhecidos para eles que não suspeitam sequer de sua existência. (PLATÃO, 1973, p.36).

A cegueira do peixe, assim, é uma cegueira compatível com aquela provocada por nossas crenças. Ao dar-se conta de que sua visão estava distorcida, o peixe abre os olhos e passa a ver um mundo novo, que, no entanto, sempre esteve ali, sempre existiu, menos em sua percepção. Do mesmo modo, nossas crenças levam-nos a criar ilusões que são distantes da vida real, acorrentando-nos e impedindo de perceber as possibilidades existentes e assim desperdiçando oportunidades de aprendizagem.

O abrir de olhos do peixe Pixote pode ser comparado a uma mudança de paradigma, em que uma nova concepção ou ideologia vem suplantar outra.

Podemos definir ideologia como sendo um “conjunto de idéias próprias de um grupo” (FERREIRA, 1986, p.913), pensamentos, doutrinas e visões-de-mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas.

A literatura infantil possibilita uma reflexão sobre a realidade, servindo de meio para que a criança, desde cedo, tenha suas opiniões críticas sobre a realidade, questionando a mesma e sentindo-se capaz de transformá-la.

Como procede a literatura? Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor. (ZILBERMAN, p. 22, 1985).

O livro infantil pode ser visto como fonte de prazer e descoberta, tendo a presença forte do lúdico para possibilitar à criança a realização de suas viagens pela imaginação, reflexão e criação. Através de uma narrativa impregnada de fantasia, pode-se discutir os comportamentos sociais ideologicamente dominantes. Segundo Fanny Abramovich (1991, p.17),

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Por que, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática.

Ao compreendermos a importância da literatura infantil no desenvolvimento e formação do ser humano, percebemos quão preciosa é a obra de Sonia Junqueira que, através de uma história envolvente e lúdica, traz uma importante questão filosófica, o que, para Regina Zilberman, é de fundamental importância pois

A atividade com a literatura infantil – e, por extensão com todo o tipo de obra de arte ficcional – desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, pois é esta que complementa a recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre a significação e a situação atual e histórica do leitor. (ZILBERMAN, p. 25, 1985).

A leitura da obra *O Peixe Pixote* pode ser considerada como uma metáfora, em que o autor passa sua ideologia através da personagem, levando à compreensão de que muitas vezes estamos errados, pois todos compartilhamos limitações que muitas vezes nos fazem ter interpretações erradas a respeito de

situações e pessoas. Então, podemos dizer que a história do peixinho serve de passagem para a percepção de nossas próprias falhas e dificuldades, compreendendo a existência dos outros pontos de vista, outros modos de viver e, portanto, outras ideologias.

Assim como as figuras que dançavam enigmáticamente nas paredes da caverna não passavam de sombras de pessoas que viviam fora da caverna, o peixe descobriu que o mundo escuro e enclausurado era fruto de sua suposta cegueira e tal ação nos leva a questionar as próprias cegueiras e de certo modo a compreender as cegueiras alheias.

Quando o peixe percebe que há um mundo colorido do lado de fora do lago, passa a perceber a escuridão do interior do lago, num alargamento de sua compreensão do mundo. Ele, então, passa a desejar viver num lugar tão colorido quanto aquele. Mas, sabendo de suas limitações fisiológicas, permite-se apenas contemplar o que para ele era o belo e o novo, não saindo da caverna, mas permitindo-se a observar as sombras que lhe sugerem o desconhecido.

A criança percebe, através das metáforas utilizadas na linguagem literária, um mundo particular, cotidiano e vive, junto com as personagens suas histórias por elas vivenciadas, extraindo aquilo que lhe traz significado. Desse modo, vivenciando novas experiências a partir de situações conhecidas, vai alargando seu conhecimento sobre o mundo e se instrumentalizando para o enfrentamento e compreensão de novas situações que surgirão no decorrer de sua vida.

[...] a maior carência é o conhecimento de si mesma e do ambiente no qual vive, que é primordialmente da família, depois o espaço circundante e, por fim, a História e a vida social. O que a ficção sugere é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, através de sua linguagem simbólica. (ZILBERMAN, p. 23, 1985).

Podemos comparar a caverna com o fundo do lago, mais propriamente, com o próprio peixe preso em seu interior. O peixe vivia em seu próprio cárcere e quando conseguiu fazer o movimento de se libertar, ou seja, abrir os olhos e sair da “caverna”, dá-se conta de que o lugar idealizado sempre existira mas uma forma enganosa de seus sentidos não lhe permitiam contemplá-lo.

Assim como no mito da caverna, na obra *O Peixe Pixote*, transmite-se a ideologia de que a verdade absoluta nos é negada devido às limitações que possuímos em nossa compreensão dos fatos que ocorrem em nossas vidas. Então, vemos que Pixote contribui para que a criança vá compreendendo que nem sempre o que acreditamos ser verdade realmente é, que somos falíveis, fadados ao erro e, assim, possa aceitar o erro do outro e entender as falhas como maneiras de aprendizado.

CONCLUSÃO

A obra *O Peixe Pixote* apresenta uma versão atual da antiga e conhecida metáfora de Platão, *O mito da Caverna*, que trata do entendimento limitado que temos a respeito da verdade por estarmos condenados a ver sombras a nossa frente e a tomá-las como verdadeiras. Assim, Sonia Junqueira apresenta ao público infantil uma obra cuja aparente simplicidade é suplantada pela complexidade filosófica que é retomada do mito platônico.

Por se tratar de uma obra integrante da literatura infantil brasileira, destacamos sua importância para a formação do senso crítico e analítico na infância, período crucial do desenvolvimento humano. Assim, considerando a literatura infantil como base para uma leitura de mundo mais ativa, buscamos desvendar o uso da linguagem metafórica para a transmissão de ideologias que, desde cedo, vão construindo o ser humano na compreensão daquilo que a sociedade julga como sendo o certo ou o errado.

O peixe Pixote se liberta de sua caverna interior e passa a contemplar um mundo de extrema beleza, reafirmando o que dizia Platão: “O puro esplendor das essências, este só é dado a contemplar e fixar na alma a quem, rompendo os grilhões, se tenha elevado além das trevas da caverna até o reino do Sol” (PLATÃO, 1973,p.36). Através do pequeno peixe, a literatura possibilita o alargamento da compreensão daquilo que tomamos por verdadeiro, num questionar constante de novas sombras e cárceres que vão surgindo em nossos lagos, ora como consequência das circunstâncias, ora por nossas próprias atitudes, levando-nos a aceitar o novo como uma forma de libertação de antigas amarras viciosas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.

FERREIRA. Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio do Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNQUEIRA, Sonia Marta. **O Peixe Pixote**. São Paulo: Ática, 1990.

MAGALHÃES, Ligia e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1984.

PLATÃO. **A República**. GUINSBURG, J. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

SARAMAGO, José. **A Caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985.